



# XAIRES

## (MACEDO DE CAVALEIROS): UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO ARTEFACTUAL

**José Manuel Quintã Ventura** Mestre em Pré-História e Arqueologia pela F.L.U.L., Investigador do Projecto Terras Quentes. [jmqtventura@yahoo.com](mailto:jmqtventura@yahoo.com)

**Elsa Luís** Doutoranda em Arqueologia, UNIARQ (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa) [elsavluis@gmail.com](mailto:elsavluis@gmail.com)

**Patrícia Andreia Pinheiro** Mestre em Arqueologia pela F.L.U.L., Investigadora do Projecto Terras Quentes. [patricia.pinheiro@ist.utl.pt](mailto:patricia.pinheiro@ist.utl.pt)

### 1. LOCALIZAÇÃO E AMBIENTE

O sítio arqueológico de Xaires localiza-se numa elevação de suave declive, com o topo aplanado onde se encontra o marco geodésico de Xaires, a cerca de 1,5 Km a SSE da povoação de Talhas (Cf. Figura 1). O local apesar de não apresentar, aparentemente, condições naturais de defesa, possui um bom domínio visual da paisagem. Parte da elevação encontrava-se lavrada, nomeadamente devido ao plantio de oliveiras e de searas.

Os solos são constituídos maioritariamente por xistos anfibolíticos, situando-se o sítio na bacia hidrográfica do rio Sabor, que se situa a cerca de 1,5 Km a Este em linha recta. Administrativamente, pertence à freguesia de Talhas, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança, e cujas coordenadas são 6° 46' 46'' W e 41° 25' 34'' N (folha 79 da CMP 1:25000). Foi identificado pela primeira vez em 2004, no âmbito dos trabalhos de prospecção realizados para a elaboração da Carta Arqueológica do Concelho de Macedo de Cavaleiros, por uma equipa dirigida por Hélder Carvalho (Cf. Mendes, 2005: 48).

Foram então recolhidos, sobretudo na área aplanada a Leste do marco geodésico, muitos fragmentos de cerâmica manual, elementos de moagem, percutores em quartzo, entre outros.



FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DE XAIRES NA CMP 1:25000, FOLHA 79.LOS E "PENTEADOS".



Posteriormente entre 2005 e 2007, foi o arqueossítio revisitado para se depreender o seu estado de conservação e potencial arqueológico, tendo sido então recolhidos mais alguns artefactos, dos quais salientamos: uma goiva, um machado e uma enxó, todos eles em anfíbolito polido, para além de vários fragmentos de cerâmica manual entre os quais, vários bordos e bojos decorados.



FOTOGRAFIA 2 – VISTA DO ARQUEOSSÍTIO EM FEVEREIRO DE 2006

## 2. AS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS

O arqueossítio foi intervenção em três campanhas consecutivas realizadas entre 2008 e 2010. Em 2008 realizou-se uma primeira intervenção com vista a determinar o estado de conservação, e a potência estratigráfica do arqueossítio. Na sequência destes trabalhos foi possível identificar um fundo de cabana em bom estado de conservação, bem como um conjunto de artefactos que permitiram a sua inserção cultural num Calcolítico regional (Cf. Carvalho, Ventura & Pinheiro, 2009).

Nas seguintes campanhas (2009 e 2010), continuou-se a definir os pisos de habitat anteriormente detectados, um dos quais associado possivelmente a um

negativo de buraco de poste. Estas estruturas assentavam – pelo menos no que diz respeito à área intervenção – em parte directamente sobre os xistos de base, ou então sobre um “empedrado”, o que denota desde já uma preparação prévia do solo. Infelizmente não foi possível determinar se estamos perante um único momento de ocupação, ou se existiram vários níveis de ocupação. É assim indubitável estarmos perante um espaço habitacional, com estruturas perenes baseadas em pisos de terra batida, e paredes e tectos de ramagens, consubstanciada pela recuperação de fragmentos de “barro de cabana” (XAIRES-1 67/09 e XAIRES-1 111/09) (Cf. Carvalho, Ventura & Pinheiro, 2009).

## 3. O CONJUNTO CERÂMICO

O conjunto cerâmico aqui apresentado é constituído por 172 fragmentos identificáveis: fragmentos de bordo, bordo decorado, colo, colo decorado, bojo decorado, base e colher. Em termos gerais, são fragmentos de pequeno tamanho com evidências de rolamento das arestas, indicando, por um lado, um elevado grau de dispersão dos materiais e, por outro, fracas condições de preservação dos recipientes. A esta afirmação não será alheia a forte presença de materiais de superfície – 113 fragmentos em 172 (65%).

Atendendo a que estamos provavelmente perante uma única fase de ocupação optámos por apresentar os resultados como um único conjunto. Foram

considerados os materiais de superfície no mesmo conjunto por dois motivos – uma fase de ocupação; a erosão e as destruições que o sítio sofreu foram trazendo à superfície vários artefactos.

A análise de pastas e de formas incidiu sobre o Número Mínimo de Indivíduos, num total de 64, do qual apenas 9 provêm de estratos arqueológicos conservados (unidades estratigráficas além da U.E. 0).

Os critérios de análise aqui utilizados encontram-se descritos e justificados em Luís (2010); a tabela de formas foi criada a partir de modelos já previamente publicados (Senna-Martinez 1989; Luís, 2010).



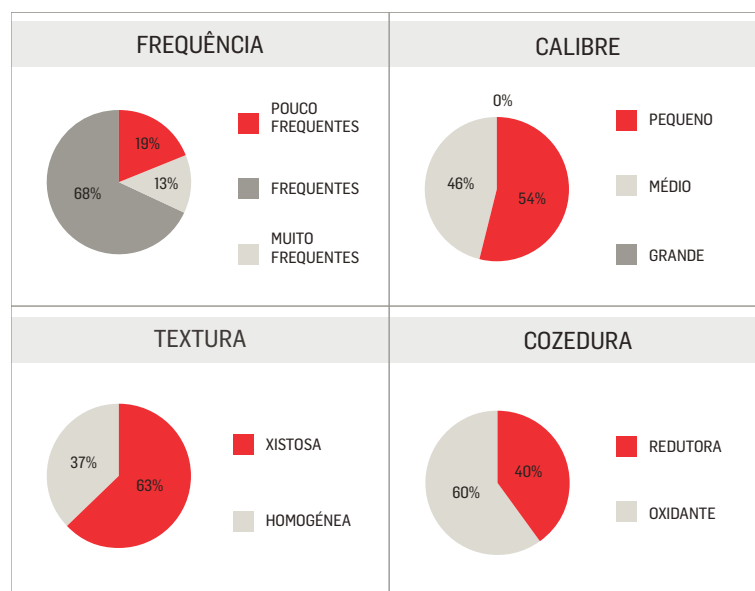
## A. A PRODUÇÃO TÉCNICA

Os recipientes cerâmicos de Xaires são genericamente pouco diversificados no que diz respeito às pastas. O seu estado de conservação é genericamente regular mas com uma percentagem significativa de mau estado.

Apresentam elementos não-plásticos frequentes de pequeno e médio calibre, com consistências exclusivamente compactas; texturas predominantemente xistosas, mas percentagem significativa de homogénea. Há um equilíbrio de tipos de cozedura, ainda que com ligeira maioria de cozeduras oxidantes, sendo que estas últimas exibem tonalidades vivas

alaranjadas, contrastando com os tons cinzentos e bege escuro das redutoras.

O elevado grau de corrosão das superfícies dos fragmentos, provavelmente decorrente das adversas condições pós-deposicionais a que estiveram expostos, dificulta, senão impossibilita, a correcta aferição dos tratamentos de superfície. Apenas dois fragmentos preservam vestígios desses acabamentos, nomeadamente, no lado exterior, alisado sobre aguada vermelha e, no interior, alisado com aguada vermelha ou espatulado com aguada bege.



## B. O REPORTÓRIO FORMAL

O conjunto exhibe uma baixa percentagem de reconstituição de formas, apenas 15,6% do NMI – 10 fragmentos, o que se deverá, mais uma vez, ao estado de conservação dos materiais. Esta baixa representatividade formal torna uma comparação estatística e percentual pouco fiável, de maneira a que passamos apenas a enunciar quais as formas e os subtipos presentes e respectiva frequência absoluta.

As formas abertas estão exclusivamente representadas pelas taças, forma 2, com os subtipos 2.4 (taça hemi-elipsoidal funda) – 2 exemplares; e 2.5, taça em calote – 3 exemplares; com um total de 5 recipientes. As formas fechadas reúnem os globulares, forma 6, com os subtipos 6.1 (globular de colo vertical) - 1

fragmento; e 6.4 (globular de colo estrangulado) – 3 fragmentos, num total de 4 recipientes; e ainda um fragmento da forma 8, esféricos achatados, subtipo 8.1 (esférico achatado). Neste sentido, verifica-se igual representatividade de formas abertas e fechadas (cf. Estampa II: Tabela formas)

Das formas recuperadas, só um fragmento tem contexto de escavação (exclui-se a U.E. 0), proveniente da U.E. 31, uma taça em calote.

Dos 10 fragmentos que permitiram a atribuição de forma, apenas 4 permitiram a reconstituição do diâmetro de bocal, o que se deve ao pequeno tamanho dos bordos e também à irregularidade do lábio.



Assim, um único fragmento da forma 2 apresenta diâmetro calculável, de 16,6 cm; da forma 6 foram calculados diâmetros de 14,8 e 17,8 cm; da forma 8 um diâmetro de 16,2 cm. Trata-se, portanto, de recipientes com diâmetros bocais grandes que sugerem alguma capacidade volumétrica. Associando estes dados às espessuras máximas medidas, entre 0,7 e 1 cm, pensamos que estes recipientes não se adequariam ao “serviço de mesa” mas sim a outras tarefas domésticas, como armazenagem quotidiana, transporte

e armazenagem de líquidos, sobretudo no caso dos globulares, etc.

Este conjunto morfológico é, assim, associado a tarefas domésticas, de produção e manipulação de alimentos, sendo os globulares especialmente indicados para a manipulação de líquidos. Não foram identificadas marcas de fogo nem quaisquer outros vestígios de utilização pelo que as inferências de funcionalidade são, essencialmente, especulativas.

### C. AS DECORAÇÕES – TÉCNICAS E MOTIVOS

As gramáticas decorativas constituem um dos vetores de análise de recipientes cerâmicos com maior potencial informativo. Se por um lado, traduzem e reproduzem modas, estilos e gostos de determinada comunidade, por outro, são fortes veículos de comunicação cultural. O mapeamento dos motivos decorativos identificados em vários sítios arqueológicos pode fornecer informações fundamentais para a integração cronológica desses mesmos sítios, para o conhecimento das redes de contacto e de circulação entre comunidades mais ou menos próximas no espaço. A decoração é, na maioria dos casos, elemento imprescindível para a integração cultural de determinado sítio arqueológico.

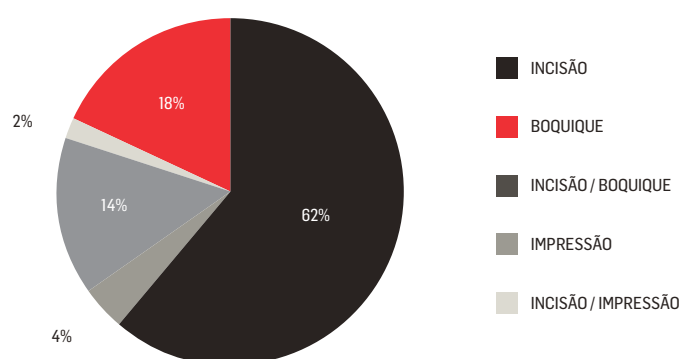
O sítio de habitat de Xaires conservou 119 fragmentos cerâmicos com decoração. Dentro do universo dos recipientes individualizados, 16 apresentam decoração o que perfaz 25% do total. Os motivos localizam-se quase exclusivamente na superfície externa sendo difícil identificar assertivamente o local concreto da decoração na medida em que se trata na maioria de fragmentos de pequeno tamanho.

Estão, contudo, documentados casos de decoração no colo e no bordo dos recipientes, áreas de boa visibilidade para quem os manipula. A decoração não é elaborada somente nos recipientes de pasta fina e cuidada, mas também, e frequentemente, em recipientes de paredes mais espessas (cerca de 1cm aproximadamente) com pastas mais rudes, com elementos não-plásticos de médio e grande calibre, frequentes e muito frequentes.

A relação decoração – tipo morfológico é escassa no conjunto preservado, apenas tendo sido identificada em 3 taças e 2 globulares.

Estão presentes as técnicas decorativas mais comuns, incisão simples, impressão simples, boquique (ou puncionamento arrastado) e a utilização conjunta de incisão e impressão e de incisão e boquique. Domina, neste particular, a impressão simples, com 63% das ocorrências; a incisão simples e a incisão/impressão são também frequentes, deixando o boquique uma presença quase vestigial.

#### TÉCNICAS DECORATIVAS





Os motivos decorativos foram organizados numa tabela síntese com os seguintes critérios – organizações decorativas/motivos compostos e técnicas decorativas nos motivos simples (cf. Estampa III: Motivos decorativos)

O grupo 1 sintetiza os motivos compostos, estruturados em torno da figura que cremos central, o triângulo preenchido. Estes são sempre representados com o vértice voltado para baixo como parece ser a norma nos fragmentos que permitem orientação (colo/bordo) em Xaires e em outros sítios arqueológicos de Trás-os-Montes. Não excluimos, no entanto, a possibilidade de estes terem apresentado outra orientação. Os triângulos são sempre delimitados por linhas incisivas convergentes num vértice e preenchidos com recurso a diferentes técnicas e motivos que constituem os subtipos por nós considerados: 1-a sequência, horizontais e paralelas de pontos impressos; 1-b sequências horizontais e paralelas de impressões sub quadrangulares e sub rectangulares; 1-c sequências horizontais e paralelas de impressões oblíquas a punção lateral; 1-d linhas incisivas paralelas; 1-e linhas horizontais paralelas a boquique.

No grupo 2 estão representados os restantes motivos compostos: 2-a sequência de pequenas incisões sub

rectangulares acima de uma linha incisiva; 2-b traços incisivos oblíquos em direcção a um vértice, acima de duas linhas a boquique; 2-c linhas incisivas oblíquas (aparentemente caóticas) acima de uma linha de boquique pouco profunda.

O grupo 3 apresenta os motivos impressos: 3-a sequências de impressões circulares; 3-b sequências de impressões circulares organizadas em métopas; 3-c sequência de ungulações; 3-d sequências horizontais de impressões a punção lateral; 2-e linhas horizontais a boquique; 3-f sequência de impressões sub rectangulares. Alguns destes motivos podem ter sido preenchimento de triângulos.

Por último, o grupo 4 apenas apresenta dois motivos incisivos pouco significativos no conjunto, que podem fazer parte de motivos mais complexos: 4- a linhas incisivas oblíquas; 4-b duas linhas paralelas incisivas.

O grupo melhor representado é o 3, com 38 exemplares, dentro do qual predomina claramente o motivo 3-a, seguido do 3-f. Os triângulos encontram-se igualmente bem representados, com 12 exemplares, nos quais dominam os motivos 1-a e 1-b. Os grupos 2 e 4 apresentam apenas 1 ou 2 exemplares de cada motivo (cf. Estampa II)

## D. CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPÓLIO CERÂMICO

O repertório cerâmico proveniente de Xaires é testemunho dos vários fenómenos pós-deposicionais a que o sítio esteve sujeito; o elevado grau de erosão e fragmentação do conjunto certamente reduziram o seu potencial informativo. No entanto, os dados que pudemos obter no estudo acima descrito permitem-nos conceber algumas reflexões sobre o contexto crono-cultural deste sítio arqueológico.

Os tipos morfológicos identificados integram-se no conjunto de formas amplamente conhecidas para contextos da pré-história das sociedades camponesas, estando presentes em inúmeros sítios do norte de Portugal. Dificilmente por si só constituem indicadores cronológicos específicos, o que, aliado à sua reduzida quantidade, não nos oferece segurança numa atribuição cronológica precisa. Simplesmente, por ausência de outros tipos, nos remetem para um ambiente entre o neolítico e o calcolítico, regionais. Cairá, assim, sobre os ombros dos motivos decorativos a

responsabilidade de uma caracterização histórica mais detalhada.

Como elementos decorativos mais significativos do conjunto encontramos os triângulos, com alguma diversidade de soluções no preenchimento; as organizações em métopa (ou seja, a alternância de espaços decorados com espaços lisos); e as sequências de impressões – simples ou com recurso ao punccionamento arrastado/boquique. Por outro lado, a ausência total da incisão penteada, que em muitas situações surge associada aos triângulos preenchidos, constitui um outro vector a ter em consideração.

Olhando para a evidência disponível para o Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela), encontramos algumas similitudes com os dados relativos aos níveis III e II (Sanches, 1997). O nível III apresenta uma ocupação de carácter habitacional cujo repertório decorativo se apresenta pouco diversificado, no qual predominam



os motivos III1 e III2 – linhas incisas simples ou com pequenas linhas incisas verticais (semelhante ao motivo 2-a de Xaires) e sequências de impressões, por vezes organizadas em métopas (semelhantes aos motivos 3-b e 3-e de Xaires), respectivamente; e ainda os motivos II – triângulos preenchidos com sequências de impressões (Idem, p. 119). As datas situam este nível no último quartel do IV<sup>o</sup> milénio “embora possa ter-se prolongado para os inícios/1<sup>o</sup> quartel do III<sup>o</sup> milénio a.C.” (Idem, p. 118). O nível II, agora com evidências de armazenagem de bens alimentares, apresenta uma maior diversidade de motivos decorativos, dominando igualmente a organização decorativa III, agora com maior variedade de soluções, seguida da organização II, os triângulos, também estes bastante diversificados. Estão, contudo, ausentes em Xaires as organizações decorativas I – vários triângulos ou linhas quebradas com várias linhas incisas paralelas apresentados de diferentes formas compondo decorações mais geométricas (Idem, vol. II, p. 140); e XXIV, XXV; XXIV; XXIX – diversos motivos elaborados a pontilhado reproduzindo, por exemplo, linhas ondulantes (Idem, vol. II, p. 143). Este último nível apresenta datas situadas entre 2800 e 2500 a.C., portanto, primeira metade do III<sup>o</sup> milénio cal a. C. (Idem, p. 122).

No povoado do Barrocal Alto (Mogadouro) estão representados vários motivos decorativos dos quais destacamos as organizações decorativas II-B, provenientes dos sectores V; VI e VII – triângulos incisos preenchidos por impressões simples circulares ou por puncionamento arrastado, semelhantes aos motivos 1-a e 1-e de Xaires; e III, grupo maioritário tal como no Buraco da Pala, sequências de puncionamentos simples e arrastados, por vezes organizados em métopas com diferentes tipos de apresentação e provenientes de vários sectores de escavação (Sanches, 1992, p. 124-125), com semelhanças com o grupo 3 de Xaires. Estes materiais são provenientes da primeira fase de ocupação datada, genericamente,

dos inícios do III<sup>o</sup> milénio (Idem, p. 111)

Poucos são os sítios que apresentem sequências estratigráficas estudadas e datadas, como acontece no Buraco da Pala, no território transmontano, sobretudo que apresentem as características decorativas que procuramos.

O núcleo de sítios do terceiro milénio estudado na área de Fornos de Algodres (Guarda – Valera, 2007) apresenta, em termos globais, diferenças significativas relativamente aos contextos transmontanos e a Xaires em particular, não nos permitindo, deste modo, cruzar os motivos decorativos com nenhum contexto em particular. Neste núcleo, concretamente nos sítios do Castro de Santiago (Idem, p. 89-92) e da Malhada (Idem, p. 143-150) são predominantes, em termos gerais, os motivos espinhados, apresentando os triângulos menor percentagem. São igualmente frequentes os motivos penteados.

Estamos conscientes que o caminho que seguimos para a integração cronológica de Xaires pressupõe a comparação entre contextos com um determinado “pacote decorativo”. Pesquisámos segundo critérios de presença/ausência, cientes de que a diversidade de escolhas estilísticas é, entre outros, uma escolha e uma adopção cultural de cada comunidade e que esses pacotes não serão integrados de forma integral e igualitária. Mas, à falta de datações por radiocarbono, pareceu-nos o caminho a seguir. Escolhemos, como variáveis, os triângulos e as sequências de impressões porque maioritárias no nosso conjunto mas considerámos, da mesma forma, a ausência de motivos penteados e espinhados. Os contextos mais próximos que apresentam estas características, de forma geral, são os níveis III e II do Abrigo do Buraco da Pala e o nível mais antigo do Barrocal Alto. Assim, pela similitude decorativa, pensamos poder situar a ocupação pré-histórica de Xaires entre os finais do IV<sup>o</sup> /primeira metade do III<sup>o</sup> milénios.

## 4. O CONJUNTO LÍTICO

No estudo dos artefactos provenientes deste arqueossítio, utilizámos a mesma abordagem metodológica, desenvolvida para outros conjuntos artefactuais, de modo a se poder estabelecer possíveis correlações (cf. Leroi-Gourhan, 1968; Tixier, Inizan & Roche, 1980; Senna-Martinez, 1989; Zilhão, 1994 e 1997; Carvalho 1998; Ventura, 1998; Matos, 2011 e Pinheiro,

2013), procurando-se organizá-los através da elaboração de matrizes de estados de atributos, a partir das quais se tentou estabelecer a respectiva classificação tipológica, para posteriormente poderem ser enquadrados e comparados num panorama mais amplo.

Como foi já salientado anteriormente, o conjunto de



artefactos proveniente do arqueosítio Xaires-1, resulta de duas acções distintas: por um lado recolhas de superfície e recolhas em situação de escavação.

Se no primeiro caso, a amostra apresenta-se extremamente limitada, em termos de quantidade, destacando-se no entanto, alguns elementos não presentes nas recolhas provenientes das intervenções arqueológicas.

Assim, os materiais líticos recuperados do arqueosítio de Xaires-1 são os que se encontram patentes no **Quadro 1** discriminados por matérias-primas e Unidades Estratigráficas (UE.) onde Sup corresponde às recolhas de superfície, efectuadas durante as diversas prospecções ao local, devidamente identificadas, que diferenciámos das recolhidas da UE.0 durante as intervenções.

QUADRO 1 // XAIRES-1: INVENTÁRIO DOS ELEMENTOS LÍTICOS

	UNIDADE ESTRATIGRÁFICA¹								
	Sup	0	1	20	31	5	34	Total	%
FLANCOS DE NÚCLEOS EM QUARTZO	***	2	1	***	***	***	***	3	3,1
PERCUTORES EM QUARTZO	***	1	***	***	1	***	***	2	2,2
PERCUTORES EM QUARTZITO	***	1	***	***	***	***	***	1	1,0
SEIXO ROLADO EM QUARTZITO	***	1	1	***	***	***	***	2	2,2
SEIXO ROLADO EM XISTO	***	2	1	***	1	***	***	4	4,2
ELEMENTOS DE MOAGEM EM XISTO	1	2	***	***	***	***	***	3	3,1
RESTOS DE DEBITAGEM EM QUARTZO	2	17	6	1	11	1	***	39	42,3
RESTOS DE DEBITAGEM EM ÁGATA	***	***	1	***	***	***	***	1	1,0
PRODUTOS DEBITADOS EM QUARTZO	***	5	5	2	3	1	***	16	17,3
UTENSÍLIOS EM XISTO	3	1	***	***	1	***	***	5	5,4
UTENSÍLIOS EM QUARTZO	1	5	5	***	***	1	1	13	14,1
UTENSÍLIOS EM ANFIBOLITE	4	***	***	***	***	***	***	4	4,2
TOTAL	11 (%)	37 (%)	20 (24%)	3 (3,1%)	17 (%)	3 (3,1%)	1 (1%)	92	100

Alguns aspectos são de reter neste inventário: o relativo equilíbrio entre a categoria «restos de debita-gem» sobre os utensílios e produtos debitados, com 43,3% para os primeiros e 41% para os segundos, consubstanciando um carácter habitacional do arqueosítio, em complemento com a presença de percutores e elementos de moagem, ainda que escassos. Deva-se salientar que, ao contrário dos elementos cerâmicos, mais valorizados nas recolhas de superfície, os materiais líticos provêm na sua grande maioria de recolhas efectuadas nas áreas escavadas nas três campanhas efectuadas nesta estação (89% da amostra).

Outro aspecto a reter, será a total dominância das matérias-primas locais em todas as categorias, com

99% dos casos registados, isto considerando os restos de debita-gem [Xaires-1 9/2008] em ágata, recolhido da UE.1, na Campanha 1/2008, que parece corresponder a uma matéria-prima exógena à zona, situação que ainda não podemos confirmar, ainda que possam ocorrer em zonas mais a norte, nomeadamente no concelho de Chaves.

Infelizmente existem poucos estudos onde se têm abordado as realidades do talhe em ambientes pós-paleolíticos a norte do Douro, pelo que com raras excepções faltam-nos dados que nos permitam relacionar este conjunto com outros devidamente enquadrados crono-culturalmente.

Isto deve-se sem dúvida à preferencial valorização

<sup>1</sup> Relembre-se que a UE.1 em conjunto com a UE.20 e UE.31 correspondem a uma matriz de terras castanhas, onde eram visíveis diversos sulcos do arado, que remexeu o solo para o plantio do olival, por isso camadas remexidas; a UE.5 em conjunto com a UE.6 e UE.4, correspondem ao topo do piso de ocupação (Piso 1), tendo os materiais sido integrados nesta matriz, aquando da sua criação/utilização; e por fim a UE.34, corresponde ao enchimento de um «buraco de poste» estruturado, associado ao «Piso 2» de habitação detectado no arqueosítio

dos elementos cerâmicos nos arqueosítios na Pré-História recente, escasseando elementos que vão para além da mera descrição da componente lítica.

No actual momento, podemos considerar regionalmente apenas dois estudos, um relativo ao Buraco da Pala, Mirandela (Sanches, 1997) e outro relativo à Fraga do Corvos, Macedo de Cavaleiros (Matos, 2011), complementados por estudos relativos a arqueosítios na zona de Chaves (Jorge, 1986), Foz Côa (Carvalho, 2004) aos quais podemos também adicionar um arqueosítio em Zamora (Fábregas Valcarce e Rodríguez Rellán, 2008).

No Buraco da Pala, Nível II – que julgamos, pela análise dos recipientes cerâmicos e da sua decoração, ser coevo a nível arqueológico com o arqueosítio de Xaires-1 – a dominância do Quartzo e de outras matérias-primas locais atinge os 91% (Sanches, 1997:44), com o Quartzo isolado, a constituir 65% da amostra, situando-se, em Xaires-1, esse valor nos 84,9% para o Quartzo, enquanto a percentagem para o total de matérias-primas locais, se situa nos 98,8%, confirmando a preferência pelas matérias-primas locais, bem como indiciar dificuldades no acesso a outras fontes de aprovisionamento.

No caso da Fraga dos Corvos, sector A – relembre-se integrável na Primeira Idade do Bronze regional – a predominância do Quartzo como matéria-prima primordial é de 63%, com o quartzo leitoso a atingir os 32% (Matos, 2011:41), dominância essa que é total no caso da amostra de Xaires-1, com a ausência de outras variedades de quartzo.

Aqui encontramos um primeiro ponto em comum, com outros arqueosítios regionais, onde ocorre a preferência ou mesmo exclusividade da utilização de matérias-primas locais, em especial para o quartzo e o xisto.

Um dos aspectos a não esquecer, será sem dúvida a facilidade de acesso a fontes de aprovisionamento locais, como sejam os filões e blocos de quartzo e

xisto disponíveis localmente, correspondente a uma estratégia de aprovisionamento directo e dentro da exploração do território imediato de captação de recursos, dos arqueosítios.

A presença de seixos rolados, maioritariamente em Quartzo, ainda como presença de elementos em quartzito e xisto, parece indicar uma estratégia mista de abastecimento, por um lado objectiva, no caso de Quartzo leitoso, para o talhe preferencial de produtos alongados e de utensílios e por outro, oportunista e provavelmente casual, associada à deslocação periódica aos cursos de água mais próximos, dos quais destacamos o rio Sabor.

A área de implantação do sítio caracteriza-se, do ponto de vista geológico, pelo domínio de séries metamórficas paleozóicas presididas por xistos e quartzofilitos ordovícicos, de onde destacamos os xistos anfíbolíticos, que compõem a Formação de Macedo de Cavaleiros (Pereira, s/d). Existe ainda a ocorrência de liditos e jaspes, que poderiam ser também utilizados na debitagem, mas não detectados na amostra.

No que diz respeito à análise funcional da indústria de pedra talhada este foi efectuado conforme moldes já anteriormente desenvolvidos por alguns dos signatários (Ventura, 1998 e Pinheiro, 2012), e apenas envolveu os elementos encontrados em situação de escavação, com excepção dos utensílios polidos, devido à sua ausência em contextos de escavação.

Foram os mesmos classificados em três categorias: Núcleos; materiais de preparação/reavivamento; produtos de debitagem não modificados por retoque, constituindo potenciais suportes, com componentes de utensílios ou utensílios em bruto (Tixier, Inizan & Roche, 1980; Carvalho, 1998; Ventura, 1998; Matos, 2011) e utensílios, ou seja, produção lítica modificada por retoque. Na primeira fase desta análise, foi possível determinar os artefactos patentes no Quadro 2.





QUADRO 2 // XAIRES-1: INVENTÁRIO DA INDÚSTRIA LÍTICA DE PEDRA LASCADA (N=72)

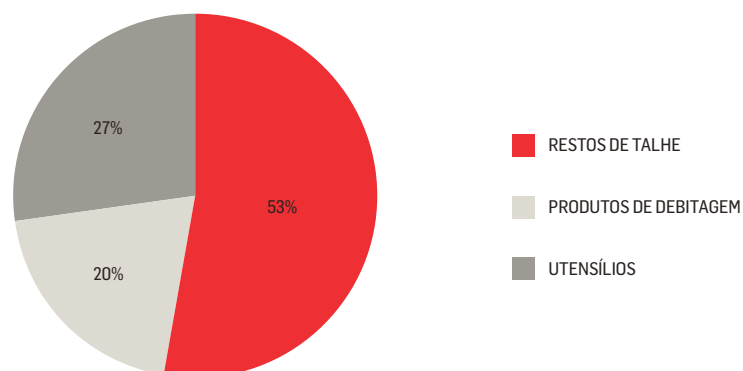
	Ágata	Xisto	Quartzo	Total	%
Flancos de Núcleo	***	***	3	3	4,2
Material Residual (Restos de Debitagem)	1	***	39	40	55,6
Lascas parcialmente corticais	***	***	1	1	1,4
Lamelas	***	***	6	6	8,3
Lamelas parcialmente corticais	***	***	2	2	2,8
Lâminas	***	***	4	4	5,5
Lâminas parcialmente corticais	***	***	4	4	5,5
Furador sobre lasca	***	***	1	1	1,4
Furadores sobre lâmina	***	***	2	2	2,8
Buril ***	***	1	1	1,4	
Pontas de seta	***	1	***	1	1,4
Raspadores	***	***	7	7	9,7
Total	1 (1,4%)	1 (1,4%)	70 (97,2%)	72	100

Mais uma vez verifica-se a dominância do quartzo, como matéria-prima de eleição, por parte da comunidade que ocupou Xaires-1, atingindo 97% da amostra, estando totalmente ausente o sílex, ao contrário de outros arqueosítios, como por exemplo o Buraco da Pala e, surgindo no presente sítio o já referido resto de debitage em ágata.

Como já foi inferido, este predomínio de matérias-primas locais não é rara, quer regionalmente, como

supra-regionalmente, verificando-se, para além dos arqueosítios já referidos em Mirandela, em momentos atribuíveis ao Calcolítico inicial regional e, em Macedo de Cavaleiros, em ambientes da Primeira Idade do Bronze, bem como no “Santuário” de El Pedroso, em Zamora (Fábregas Valcarce e Rodríguez Rellán, 2008), integrável num espectro crono-cultural mais amplo, desde um Neolítico Final-Calcolítico regional até à Idade do Bronze.

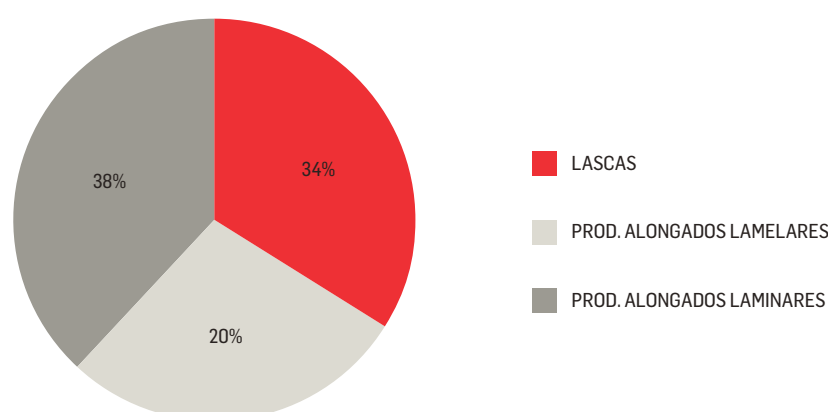
RELAÇÃO RESTOS / PRODUTOS / UTENSÍLIOS (n=8)



No que diz à relação entre restos de debitage, produtos debitados e utensílios, é manifesto a dominância de restos de talhe ou de debitage, correspondendo a 53% das ocorrências, seguidas pelos utensílios (27%), só depois os produtos de debitage (20%), indiciando antes de mais a presença de

debitagem dentro da área do habitat – consubstanciada pela presença de 3 pequenos flancos de núcleo em quartzo – não eliminando, no entanto a hipótese de parte da debitage, ser efectuar na área de captação da matéria-prima.

#### MÓDULO DE DEBITAGEM (n=9)



Os dados disponíveis parecem indicar uma estratégia de debitage baseada em dois módulos: produtos alongados (66%), alguns deles orientados para a produção de utensílios, responsáveis por 25% das ocorrências nesta categoria, e secundariamente para a produção de lascas (34%), que apesar de minoritárias no módulo de debitage primário, constituem o suporte preferencial da maioria dos utensílios recuperados (75%), em especial com a presença maioritária (na amostra) de raspadores (58% dos utensílios), onde dominam os raspadores laterais (cinco presenças em sete) normalmente sobre lasca espessa e em forma tendencialmente ogival, com retoque marginal lateral.

Não se deve ainda descartar a hipótese de alguns destes produtos de debitage, poderem ter sido utilizados como utensílios de «ocasião» directamente, sem conformação específica, situação não confirmada por análise macroscópica.

A extrema fragmentação da maioria das peças recuperadas sobre lasca, não nos permite o estabelecimento de valores médios para o comprimento e a largura.

O conjunto de lascas, provenientes de Xaires-1, parece assim indiciar, a presença de duas

realidades, em termos de métodos de debitage. Por um lado, processos de conformação final de núcleos parcialmente descorticados<sup>2</sup>, indicado pela presença significativa de elementos com córtex parcial (26% dos elementos detectadas), ao mesmo tempo que se assinala também a presença de uma exploração de pequenas lascas, eventualmente, através do reaproveitamento de pequenos núcleos, lascas estas que podiam ser utilizadas, eventualmente em instrumentos compostos, como por exemplo, «elementos de foice». No entanto, a ausência deste tipo de núcleos apenas pode levantar a questão mas não confirmá-la.

Aqui o raspador parece configurar-se como um utensílio multi-facetado e facilmente adaptado a uma variedade de funcionalidades, logo uma escolha consciente por parte da comunidade que se instalou e explorou o planalto de Xaires.

Apesar do aparente domínio das lascas como suporte para a produção de utensílios – situação também identificada no Nível II do Buraco da Pala, onde a percentagem é de 74% relativamente ao tipo de suporte – é preciso não esquecer que nos módulos de debitage, a preferência vai para os produtos alongados responsáveis por cerca de 66% dos elementos talhados neste arqueosítio. Por outro lado, a baixa percentagem de utensílios (22%) parece caracterizar

<sup>2</sup> Os núcleos teriam sido transportados para a eventual zona de habitat, parcialmente já descorticados, daí a ausência de lascas e produtos alongados corticais, neste conjunto.



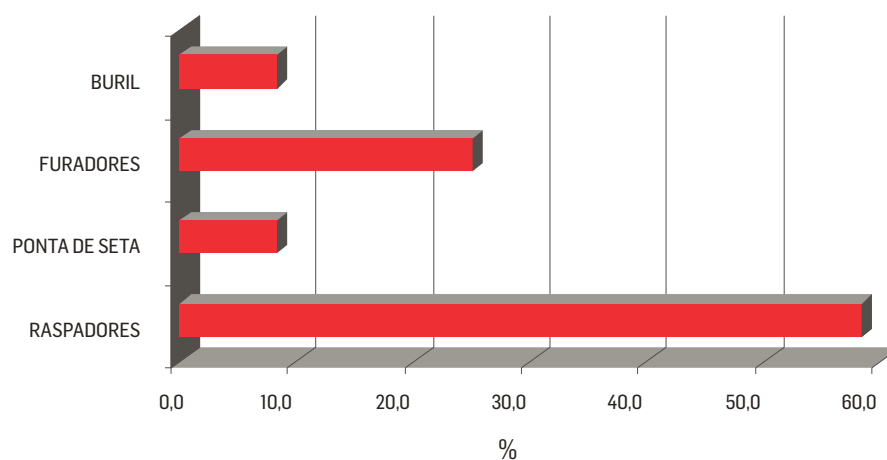
muita da produção lítica dos sítios detectados até ao momento no nordeste transmontano.

Esta orientação para a obtenção de lascas, suporte predominante da maioria dos utensílios identificados, parece ocorrer também noutros conjuntos, tal como no Buraco da Pala (Sanches, 1997:44) onde ao longo da estratigrafia esta percentagem varia entre 45%, para os níveis tardios [Camada 1] e 66% a 74% para a Camada 3. Também na Fraga dos Corvos, sector A, apesar da sua integração em momentos

mais tardios, onde esta realidade também ocorre (Matos, 2011). O mesmo acontece no “Santuário” de El Pedroso, ainda que neste último a integração crono-cultural do sítio aponte para um espectro mais amplo, que irá do Neolítico Final-Calcolítico até ao Bronze inicial (Fábregas Valcarce e Rodríguez Rellán, 2008).

A baixa percentagem de utensílios, também se reflecte na variedade destes, em termos de classes funcionais.

### UTENSÍLIOS: CLASSES FUNCIONAIS



Em termos funcionais, nota-se pouca variedade de categorias de utensílios, o que pode indicar duas situações: uma relativa a uma amostra truncada, ou então, uma situação de uma certa especialização da área ou da comunidade que se instalou em Xaires-1. Em qualquer dos casos não possuímos, no momento, indícios para validar qualquer interpretação nesta área.

Uma das inferências a tirar, parece apontar para além de uma certa limitação de utensílios, para a ausência, até ao momento de elementos de foices ou denticulados, presentes em outras estações regionais, como no Buraco da Pala, Nível II, para momentos coevos com Xaires-1.

Se é verdade, que foram recuperados elementos de moagem, três até ao momento, dois deles em situação de escavação, nas camadas remexidas superficiais – para cereais ou outros tipos de produtos – tudo parece indicar a ausência de utensílios especializados

no corte e recolha desses mesmos produtos, ainda que alguns dos elementos laminares, pudessem preencher essa lacuna, situação para a qual não temos resposta. Estudos mais ou menos recentes, têm permitido estabelecer padrões estatísticos, utilizando a evolução dos produtos alongados do Paleolítico final até ao Neolítico final da Estremadura e vale do Tejo (Zilhão, 1994 e 1997; Carvalho, 1998), onde se tem observado uma evolução de uma tendência lamelar no Neolítico antigo, para a utilização preferencial de módulos de talhe alongados laminares, em momentos crono-culturais posteriores.

Numa primeira abordagem similar aplicada às colecções líticas, provenientes de habitats (do Neolítico antigo ao Neolítico final regional) e monumentos megalíticos da plataforma do Mondego foi possível estabelecer que padrões estatísticos similares também ocorreriam nessa área de estudo (Ventura, 1998, Senna-Martinez & Ventura, 2000a, 2000b, 2006 e 2008). Assim, numa perspectiva complementar, seria



relevante que uma abordagem similar pudesse ser efectuada com a actual amostra, apesar da mesma se apresentar como limitada e diminuta, de modo a criar mais um elemento de análise e de comparação com outros arqueosítios.

No total foram recuperados – unicamente em situação de escavação, lembre-se – dezanove peças sobre produtos alongados, dos quais apenas dezassete permitiram análise deste parâmetro, com a seguinte distribuição em termos de categorias de larguras:

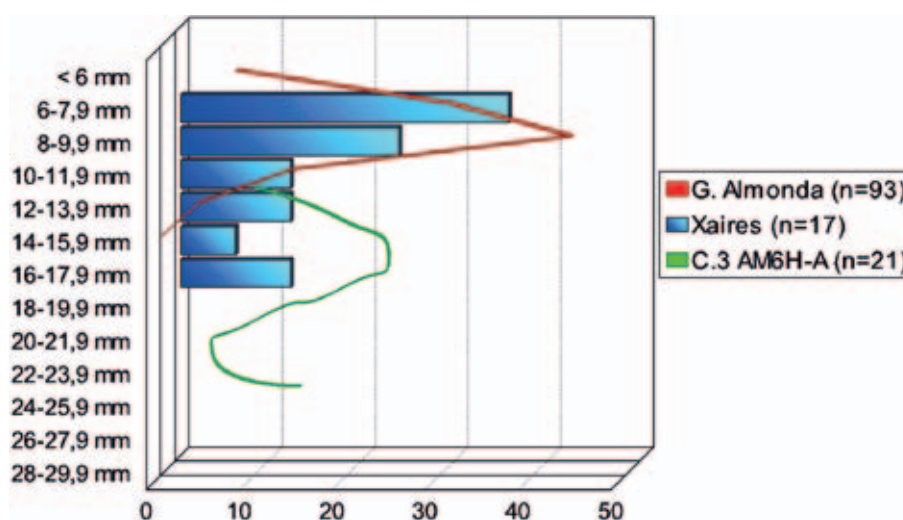
LARGURAS	QUANTIDADES
8-9,9mm	6
10-11,9mm	4
12-13,9mm	2
14-15,9mm	2
16-17,9mm	1
18-19,9mm	2

Em análises efectuadas anteriormente por um dos signatários usou-se como padrão de aferição os elementos disponibilizados por Zilhão (1994) e Carvalho (1998) para os níveis do Neolítico Antigo da Gruta do Almonda, não só pela proximidade do tipo de análise, bem como a dimensão e fiabilidade da amostra.

No entanto, apesar da sua importância e fiabilidade – confirmada por estudos similares em outros arqueosítios da Estremadura e Alentejo (Carvalho, 1998; Simões, 1999; Diniz, 2001, 2003, 2007 e 2008)

– apenas nos permite aferir conjuntos próximos do Neolítico antigo, pelo que recorremos, apesar da amostra limitada em termos de número, ao conjunto fechado, proveniente da Cabana 3 do Habitat do Ameal-VI (Senna-Martinez 1989, Senna-Martinez & Ventura, 2000a, 2000b e 2006), a cujos dados tivemos acesso. Esta opção, apenas se deveu à impossibilidade de termos acesso a dados do Nível IV, III e II do Buraco da Pala, que consideramos serem os que melhor nos permitem aferir o actual conjunto lítico, não só pela proximidade geográfica, bem como o enquadramento crono-cultural.

#### RELAÇÃO DAS LARGURAS DOS PRODUTOS ALONGADOS (FREQUÊNCIAS RELATIVAS)





Uma rápida análise do gráfico, permite-nos constatar uma proximidade interessante com o conjunto Neolítico antigo da Gruta do Almonda, mesmo tendo em conta a limitação da amostra, a matéria-prima utilizada, a sua inserção geográfica e crono-cultural.

Esta inquietante proximidade, pode não significar nada, ou então lançar uma pista sobre as tradições líticas da comunidade que se instalou no planalto de Xaires: uma dependência de matérias-primas locais (realidade já identificada não só para outros sítios localizados no nordeste transmontano, bem como na plataforma do Mondego) e quando procedem à debitage de produtos alongados domina uma tecnologia centrada na obtenção de produtos lamelares, provavelmente para a criação de utensílios compostos, igualmente na sequência de uma tradição do Neolítico antigo.

Os dados provenientes da Cabana 3 do Ameal-VI, inseríveis em momentos que designamos por Epi-neolítico final (Senna-Martinez & Ventura, 2008) apesar das proximidades crono-culturais, indicam uma evolução diferenciada, com uma maior percentagem de elementos laminares a servirem de suporte aos utensílios utilizados pelas comunidades da plataforma do alto e médio Mondego, numa tendência também observável nas comunidades do Neolítico final da Estremadura.

Durante a campanha de 2009, foi possível recuperar, ainda que do nível de remeximentos superficiais [UE.0] uma ponta de seta, talhada em xisto negro (XAIRES-1 96), por isso com uma inserção estratigráfica similar à maioria dos materiais recuperados neste arqueosítio.

Consiste num pequena peça, talhada sobre lasca de xisto fina, com cerca de 26,5mm de comprimento máximo, por 17,5mm de largura máxima e uma espessura máxima de 3,2mm. Apresenta uma base convexa, com retoque parcial, alternante e rasante, com uma secção transversal trapezoidal assimétrico.

Se noutros arqueosítios, a presença de pontas de seta não é estranha, a sua ocorrência é mesmo assim excepcional. Em termos regionais, pontas de seta em xisto com tipologias similares às de Xaires-1, foram recuperadas na Vinha da Soutilha, níveis II e III (Jorge, 1986:Est. XLVI; LI & LIV), S. Lourenço (Idem: Est. XCVIII), Pastoria (Idem: Est. CLI) e

Castelo de Aguiar (Idem: Est. CXCI), abrangendo integrações crono-culturais do Neolítico final ao Calcolítico final, bem como o Nível II, do Buraco da Pala, mas desta vez com duas em sílex e uma terceira em xisto (Sanches, 1997:123), mas em todos estes sítios em valores muito baixos, não ultrapassam a meia dúzia.

Se noutras regiões mais meridionais, a presença de pontas de projectil, em especial em monumentos megalíticos é comum, em especial na plataforma do médio e alto Mondego, o que nos permitirá retirar algumas ilações acerca da sua inserção crono-cultural (Senna-Martinez & Ventura, 2004), à falta de dados mais próximos em termos regionais.

Assim, na plataforma do Mondego, como também se verifica nas estações de Vila Pouca de Aguiar/Chaves (Jorge, 1986) não podemos considerar a existência de tipos exclusivos de bases (o elemento de análise mais comum) para determinados momentos crono-culturais, das comunidades da pré-história recente, pelo que de uma maneira ou outra quase todos as tipologias de base parecem coexistir, ainda que num primeiro momento bases triangulares com/sem com aletas, preferencialmente sobre elementos laminares e de retoque unifacial, parecem predominar – casos da Anta da Mondegã/Lapa de Tourais e da Orca de S. Tisco (Senna-Martinez, 1989, Senna-Martinez & Ventura, 2004).

Posteriormente assiste-se a uma evolução nas tipologias, com o surgimento em momentos já do Neolítico final de pontas com retoque bifacial e a dominância parece incidir nas bases concavas, bicôncavas e mesmo pedunculadas, com um excelente retoque bifacial total ou cobridor, normalmente sub-paralelo ou paralelo – como sejam os casos das Orcas dos Fiais, Outeiro do Rato e Pinhal dos Amiais (Senna-Martinez, 1989, Senna-Martinez & Ventura, 2004, Pinheiro, 2013).

Note-se que do Nível II, Buraco da Pala, as três pontas de projectil recuperadas são de base côncava, sendo uma delas em xisto e as restantes em sílex, com uma tipologia de retoque similar à detectada em Xaires-1.

A presente peça, num contexto megalítico da plataforma do Mondego, poderia muito bem integrar um conjunto de materiais, coevo do Neolítico final



regional, o momento de apogeu do Megalitismo local, mas com possíveis continuidades para momentos mais tardios.

Para além da pedra talhada, referida, foram ainda recuperados, em situação de prospecção, os seguintes artefactos:

- Conta de colar em xisto (Xaires-1 83), provavelmente de origem local, uma vez que os solos são constituídos por afloramentos xistosos. Este artefacto apresenta-se sob a forma discoidal achatada, com 6,35mm de diâmetro externo, e perfuração cilíndrica unidirecional tendo um diâmetro interno de 2,55 mm.
- Conta talhada em xisto esverdeado (Xaires-1 R67), sub-circular, com um diâmetro máximo de 19,5mm, espessura máxima de 4,7mm e uma perfuração central bicónica, com 2,9 de largura máxima. Apresenta os bordos exteriores ligeiramente polidos. Peças similares, foram identificadas na Vinha da Soutilha e Pastoria (Jorge, 1987:est.XLI & CLII) onde o primeiro caso, de diâmetro ligeiramente superior, foi considerado como «cossoiro» e o segundo caso, como elementos de adorno. No presente caso consideramos tratar-se de um elemento de adorno.
- Também de xisto esverdeado, foi recuperado em 2007, uma peça ligeiramente ovóide (Xaires-1 R86), com 5,55 cm de comprimento e 5,59 cm de largura, com perfuração icónica na parte superior, que se encontra fragmentada. Apresenta ainda um trabalho de polimento em quase toda a sua superfície. Peças similares, provenientes de outros ambientes crono-culturais são considerados como pesos de tecelagem, situação que julgamos também aplicar-se ao presente caso, ainda que não possamos inferir a sua verdadeira função.
- Na prospecção realizada no verão de 2006, foi recuperado no sector do olival, correspondente ao sítio de Xaires-1, num dos taludes que delimitavam o olival, um seixo rolado, em Talcoxisto, onde numa das superfícies se notavam três sulcos finos, com perfil em V, com uma largura máxima de 2,5mm e um outro, mais largo (10,25mm) de perfil em meia-cana, que julgamos corresponder a um possível afiador.

## A PEDRA POLIDA

Durante as prospecções, foram recolhidos quatro elementos de pedra polida, em xisto anfibólico: dois fragmentos de enxós (Xaires-1 R88 e 88); um fragmento de machado (Xaires-1 R89) e uma goiva (Xaires-1 R91).

O estado de fragmentação das enxós não permite grandes dados, excepto que ambas apresentam secção transversal rectangular ou sub-rectangular, o polimento tende para o integral, e o talão de um dos artefactos é truncado (Xaires-1 88).

O Machado, também ele bastante danificado, configura-se como com bordos convergentes no talão, secção transversal sub-rectangular, polimento tendendo para o integral.

A elevada fragmentação das enxós e machado, devem-se não só aos movimentos de terras provocados pela lavra mecânica no local, bem como à extrema utilização dos mesmos nas actividades do quotidiano.

Quanto à goiva apresenta uma secção transversal trapezoidal e a longitudinal é sub-rectangular, o talão encontra-se fragmentado e o polimento é integral.

Se por um lado a presença de artefactos em pedra polida é algo comum em outros contextos, supra-regionais, nomeadamente em monumentos megalíticos, também é verdade que a sua ocorrência, em espaços habitacionais no nordeste transmontano, é regular, como acontece, quer no Buraco da Pala, em Mirandela e no conjunto de povoados estudado por Susana Oliveira Jorge em Vila Pouca de Aguiar e Chaves (Sanches, 1997 e Jorge, 1986).

Também é comummente aceite que machados e enxós de secção rectangular ou sub-rectangular, com polimento integral ou tendendo para o integral, são mais comuns em ambientes tardios, associados a momentos do Neolítico final ou posteriores, ainda que possam co-existir em contextos inseríveis, no Neolítico antigo ou de tradição antiga, com modelos





de secção sub-circular, corpo picotado e polimento limitado aos gumes, como acontece por exemplo no caso da Várzea do Lírio, Figueira da Foz, onde foram recolhidos 18 exemplares (16 machados e 2 enxós) dominando as secções transversais sub-elípticas e rectangulares e somente 2 exemplares apresentam secção sub-circular (Cf. Jorge., 1979:66-7, Ventura, 1998)

Isto permite pelo menos determinar, que a tipologia destes objectos só por si, não é suficiente para permitir a correcta inserção crono-cultural dos contextos de onde são provenientes.

Também, tudo parece indicar, que estes instrumentos que se encontram associados a trabalhos de desbravação da floresta e, nalguns casos ao próprio trabalho dos solos, aumentem a sua frequência, como por exemplo nos monumentos da bacia do médio e alto Mondego, conforme se assiste a uma intensificação da produção agrícola, com os respectivos trabalhos de preparação dos solos (Cf Valera, 1997:123).

## 5. ALGUMAS CONCLUSÕES POSSÍVEIS...

Estamos conscientes que o caminho que seguimos para a integração cronológica de Xaires pressupõe a comparação entre contextos exclusivamente com base num determinado “pacote artefactual”, através da comparação com contextos escavados dentro da mesma área regional ou em regiões vizinhas, estes, por sua vez, escassos.

No caso da cerâmica, apesar das limitações de estudo da cultura material, devido sobretudo ao seu estado de fragmentação e conservação, foi possível tecer algumas considerações:

- Produção cerâmica com pouco investimento sobre tudo ao nível dos acabamentos;
- Presença de recipientes com alguma capacidade volumétrica, mas sem indicadores de armazenagem de longa duração
- Motivos decorativos integrados no “ambiente cultural” transmontano, com reprodução de estilos bastante difundidos e de longa duração, com especial relevância para os triângulos preenchidos; mas reinterpretados localmente.

A base da utensilagem lítica, consiste no que alguns autores consideram como «indústrias expeditas» em termos da pedra talhada, fundamentalmente baseada num baixo investimento na conformação de núcleos ou na transformação dos produtos debitados, com uma produção vocacionada maioritariamente para a produção de lascas – logo uma certa falta de normalização – ao contrário das indústrias baseadas na debitage quase exclusiva de produtos alongados, como ocorre no Maciço Calcário Estremenho (Zilhão, 1994 e Carvalho, 1998).

Apesar de «expedita» o conjunto artefactual é suficiente polivalente para permitir uma exploração de largo espectro da região em que o povoado de Xaires se insere, desde a caça, ao qual se encontra asso-

ciada a ponta de seta, ao trabalho da madeira, com machados, goivas e enxós, recolha e processamento de vegetais, com elementos de moagem e vários instrumentos que poderiam ser utilizados «per si» ou em elementos compósitos, como sejam os casos dos produtos debitados alongados.

Apesar do estado de conservação da maioria dos produtos de debitage e, a impossibilidade de análise dos respectivos talões bem como das plataformas de debitage, não é improvável, que tendo em conta a matéria-prima preferencialmente utilizada – o Quartzo – se tenha privilegiado o método de talhe bipolar, em especial para os produtos alongados, como se encontra plenamente comprovado, por exemplo no Abrigo 2 da Fraga dos Corvos, bem



como no “Santuário” de El Pedroso, pela presença de bigornas para este tipo de talhe.

Esta tecnologia, parece ser a mais adequada para a debitagem de produções em matérias-primas de inferior qualidade, como sejam o quartzo, bem como parece permitir o talhe com menor esforço muscular, permitindo à maioria dos elementos da comunidade a produção expedita de suportes e utensílios úteis às actividades quotidianas (Fábregas Valcarce e Rodríguez Rellán, 2008).

Se destacamos um certo «arcaísmo», roçando o tecnologicamente simples, das produções talhadas, ao mesmo tempo que se nota a sua pouca diversidade em termos de utensílios produzidos, existem no entanto alguns traços comuns com outras amostras de utensílios talhados regional, nomeadamente a do Sector A, da Fraga dos Corvos (Matos, 2011) com a qual existem alguns paralelismos, em termos do módulo de debitagem e instrumentos produzidos, bem um certo «ar de família» com os conjuntos conhecidos quer do Buraco da Pala, quer dos povoados de Vila Pouca de Aguiar e Chaves.

Em suma o instrumental lítico da comunidade de Xaires-1 é fundamentalmente objectiva e simples, determinado antes de mais pela matéria-prima e pela pouca quantidade de utensílios formais produzidos, formalmente concentrada em instrumentos multifuncionais, como os raspadores e os furadores, com a função de corte a ser preenchida pelos produtos alongados sem conformação.

Perante isto estamos perante um sítio aberto, sem preocupações naturais de defesa, constituído por estruturas arquitectonicamente simples e pouco robustas. Trata-se provavelmente de uma comunidade de vocação agrícola e pastoreia, com aproveitamento dos recursos naturais regionais, mas algumas das suas manifestações culturais permaneceram plasmadas nos recipientes de uso quotidiano, bem como na utensilagem lítica.

Os conjuntos cerâmicos e líticos parecem poder integrar-se entre os finais do IV – inícios do III milénio cal a.C. e a primeira metade do III cal a.C.

Pelo que vai dito, seria importante continuar as investigações em torno do sítio arqueológico, garantindo-se antes de mais a sua protecção.



## ANEXOS GRÁFICOS



ESTAMPA 1 - PLANTA DE XAIRES-1 NO FINAL DA CAMPANHA (3) DE 2010



## TABELA DE FORMAS - XAIRES

## Formas Abertas

Taças (forma 2)



Subtipo 2.4



Subtipo 2.5

## Formas fechadas

Globulares (forma 6)



Subtipo 6.1



Subtipo 6.4

Esféricos Achatados  
(forma 8)

Subtipo 8.1

ESTAMPA II



Xaires - 79



Xaires - R18



Xaires - R47



Xaires - R49

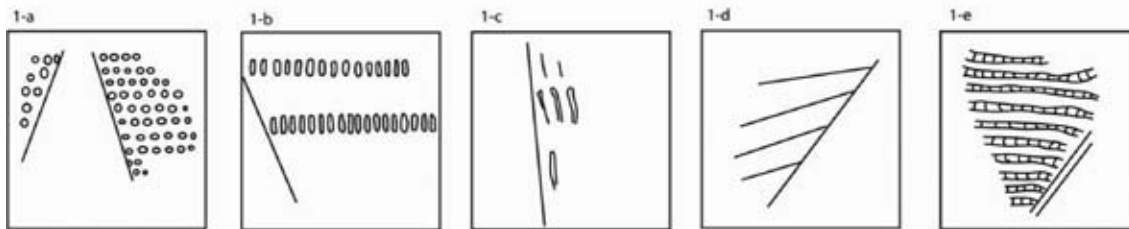


5 cm

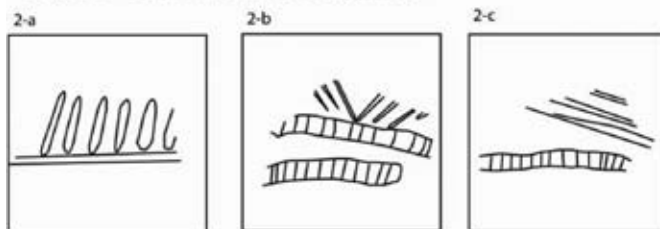
DECORAÇÕES MAIS REPRESENTATIVAS DA CERÂMICA DE XAIRES-1



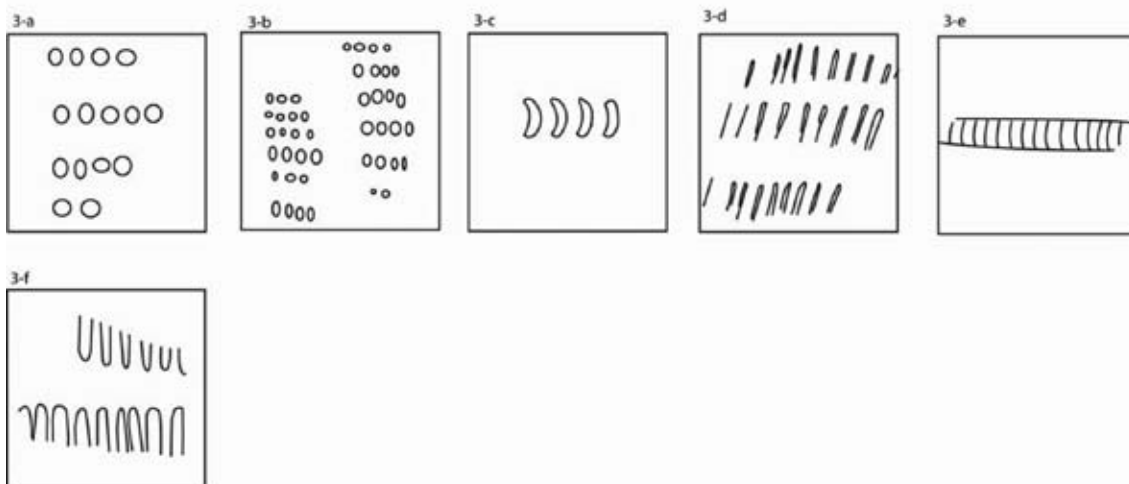
GRUPO 1 // TRIÂNGULOS



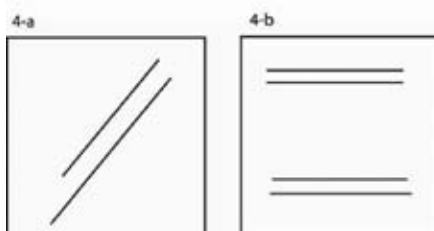
GRUPO 2 // OUTROS MOTIVOS COMPOSTOS



GRUPO 3 // IMPRESSÕES



GRUPO 4 // INCISÕES







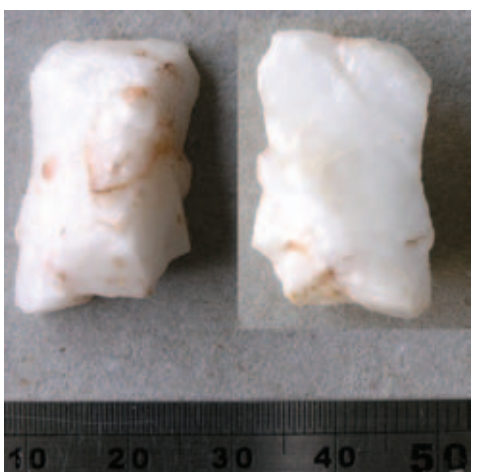
ESTAMPA IV - INDÚSTRIA LÍTICA EM QUARTZO DE XAIRES - 1



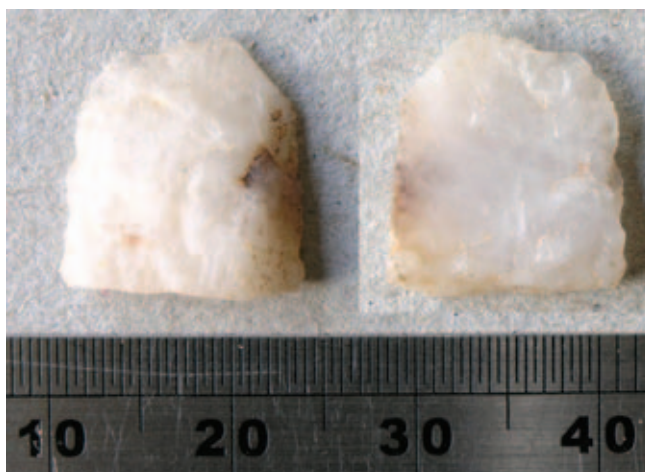
FURADOR SOBRE LASCA (XAIRES-114)



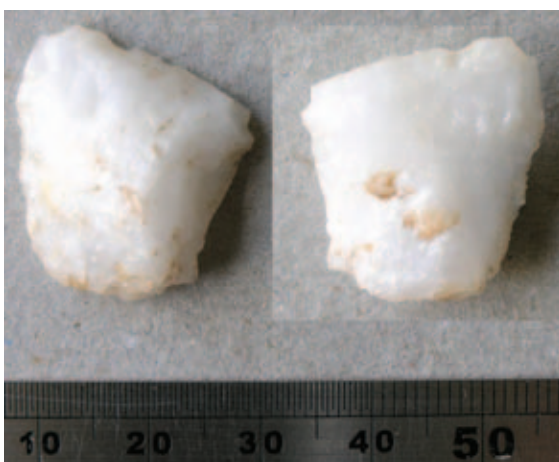
FRAGM. PROXIMAL DE LAMELA (XAIRES-132)



FRAG. DISTAL DE LÂMINA (XAIRES-135)



FRAGM. DISTAL DE LÂMINA (XAIRES-1115)



RASPADOR DISTAL SOBRE LASCA (XAIRES-1116)



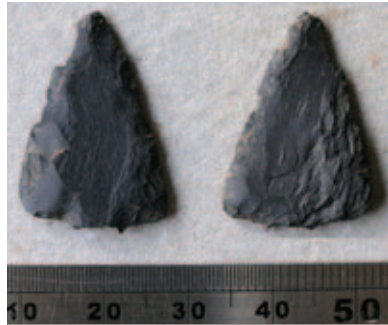
RASPADOR LATERAL SOBRE LASCA (XAIRES-1127)







ESTAMPA V - INDÚSTRIA LÍTICA EM XISTO DE XAIRES-1



PONTA DE SETA EM XISTO NEGRO (XAIRES-1 96)



CONTA EM XISTO ESVERDEADO (XAIRES-1 R67)



«PESO»(?) EM XISTO ESVERDEADO (XAIRES-1 R86)



«AFIADOR» EM TALCOXISTO (XAIRES-1 66)



MACHADO DE ANFIBOLITE (XAIRES-1 R89)



ENXÓ DE ANFIBOLITE (XAIRES-1 R88)



FRAGMENTO DE ENXÓ DE ANFIBOLITE (XAIRES-1 88)



GOIVA DE ANFIBOLITE  
(XAIRES-1 R91)



## Bibliografia

- BETTENCOURT, A. M. S. (2000) – O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal. Ed. Cadernos de Arqueologia. Monografias - 9, Braga.
- CARVALHO, A. F. (1998) – Talhe da pedra no Neolítico antigo do maciço calcário das Serras d'Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico. Lisboa: EAM - Estudos Arqueológicos da Bacia do Mondego.
- CARVALHO, A. F. (2004) – "O povoado do Furno (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa)", in: Revista Portuguesa de Arqueologia, 7 (1), pp.185-219.
- CARVALHO, H. A. VENTURA, J. M. Q. & PINHEIRO, P. A. (2009) – "Xaires (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Pré-História Recente em Trás-os-Montes Oriental. A Sondagem (2008)", in: Cadernos «Terras Quentes», 6, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.91-96
- CARVALHO, H. A. VENTURA, J. M. Q. & PINHEIRO, P. A. (2010) – "Um Habitat Calcolítico em Trás-os-Montes Oriental. O Arqueosítio de Xaires (Macedo de Cavaleiros)", in: Cadernos «Terras Quentes», 7, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.7-13
- DAUVOIS, M. (1976) – Précis de dessin dynamique et structural des industries lithiques préhistoriques. Paris: Ed. Pierre Fanlac
- DINIZ, M. (2001) – O sítio neolítico da Valada do Mato, Évora: problemas e perspectivas. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa: IPA, 4:1, p. 45-59.
- DINIZ, M. (2003) – O Neolítico antigo do interior alentejano: leituras a partir do sítio da Valada do Mato (Évora). In II Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Monsaraz, Maio de 2000.
- DINIZ, M. (2008) – A indústria de pedra lascada do povoado do Neolítico antigo da Valada do Mato (Évora, Portugal): ensaio de caracterização tecno-tipológica. Actas do IV Congresso del Neolítico Peninsular. Alicante, Novembro de 2006. Alicante: MARQ, p. 248-257.
- DINIZ, M.; Vieira, T. (2007) – Instrumentos de Pedra Polida e Afeiçoada do Povoado do Neolítico antigo da Valada do Mato (Évora): estratégias de produção e modelos de uso. Víasca. 2:2, p. 81-94.
- FÁBREGAS VALCARCE, R., RODRÍGUEZ RELLÁN, C. (2008) – "Gestión del cuarzo y la pizarra en el Calcolítico peninsular: el "Santuário" de El Pedroso (Trabazos de Aliste, Zamora)". In: Trabajos de Prehistoria, Vol. 65, 1, p. 125-142
- JORGE, S. O. (1978) – Pontas de seta provenientes de túmulos megalíticos do Noroeste de Portugal. Minia. 2ª Série. Ano 1. 2. Braga, p. 1-77.
- JORGE, S. O. (1986) – Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar, Porto, Instituto de Arqueologia da FLUP, 3 Vols.
- LUÍS, E. (2010) – A Primeira Idade do Bronze no Noroeste: o Conjunto Cerâmico da Sondagem 2 do Sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros). Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- MATOS, D. (2011) – A exploração do quartzo e do xisto: a indústria lítica do sítio de habitat da 1ª Idade do Bronze da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros). Cadernos Terras Quentes, 8, p. 47-54.
- MENDES, C. A. S. (Coord.) (2005) – "Carta Arqueológica do Concelho de Macedo de Cavaleiros. Campanha 1/2004", in: Cadernos «Terras Quentes», 2, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.5-49
- PEREIRA, E. (s/d) – Breve História Geológica do NE de Trás-os-Montes (Paisagem Protegida da Albufeira do Azibo e Maciço de Morais) <http://www.azibo.org/geohistorappaa.pdf>
- PINHEIRO, Patrícia (2013) – A Orca do Pinhal dos Amiais no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- SANCHES, M. J. (1992) – Pré-história recente no planalto mirandês (leste de Trás-os-Montes. Monografia Arqueológicas 3. Porto: GEAP.
- SANCHES, M. J. (1997) – Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional. Porto: SPAE, 2 vols.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) – Pré-história recente da bacia do médio e alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E. (2009) – "A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6 (2008). Cadernos Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 6, pp.69-79
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2004) – "A Fraga dos Corvos: Um caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros", in: Cadernos «Terras Quentes», 1, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.32-58
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2005) – "A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat do "Mundo Carrapatos" da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental", in: Cadernos «Terras Quentes», 2, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.61-81
- SENNA-MARTINEZ, J. C. et alii. (2006) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 3 (2005). Cadernos Terras Quentes. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 3, pp.60-85
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2007) – "A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 4 (2006)", in: Cadernos «Terras Quentes», 4, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.84-110
- SENNA-MARTINEZ, J. C. & LUÍS, E. (2009) – "A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6 (2008)". Cadernos «Terras Quentes». Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 6, p.69-79.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. & LUÍS, E. (2010) – "A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 7 (2009)". Cadernos «Terras Quentes». Macedo de Cavaleiros. Câmara Municipal. 7, p.29-40.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. (2000) – Pastores, recolectores e construtores de megálitos: O Neolítico Final. SENNA-MARTINEZ, J. C. PEDRO, I., Eds., – Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, p. 53-62.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. (2004) – A luz e as sombras: A encenação da morte no Neolítico do Centro de Portugal. Torres Veteras. Torres Vedras. 6, p. 17-33.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. (2008a) – Neolitização e Megalitismo na Plataforma do Mondego: Algumas reflexões sobre Transição Neolítico Antigo/Neolítico Médio. Actas do IV Congreso del Neolítico en la Península Ibérica. Alicante. II, p. 77-84.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. (2008b) – Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o Megalitismo da Beira Alta, meio século depois. Estudos Arqueológicos de Oeiras. Oeiras. 16, p. 317-350.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2007) – "A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 4 (2006)". Cadernos «Terras Quentes». Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 4, p.85-110
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2005) – "A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de habitat do «Mundo Carrapatos» da primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental". Cadernos «Terras Quentes». 2. Macedo de Cavaleiros, p.61-81.
- SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J. M. Q.; CARVALHO, H. A. & FIGUEIREDO, E. (2006) – "A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de habitat da primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 3 (2005)". Cadernos «Terras Quentes». 3, Macedo de Cavaleiros, pp.61-85.
- SIMÕES, T. (1999) – O sítio neolítico de São Pedro de Canaferim, Sintra. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. «Trabalhos de Arqueologia», 12
- TIXIER, J., INIZAN, M.-L., ROCHE, H. (1980) – Preshistoire de la Pierre Taillée. Terminologie et Technologie, Tomo I, CREP.
- VALERA, A. C. (1997) – O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda). Aspectos da calcolitização da bacia do alto Mondego. Textos Monográficos 1, Lisboa. Câmara Municipal de Fornos de Algodres.
- VALERA, A. C. (2007) – Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda). Município de Fornos de Algodres / Terras de Algodres – Associação de Promoção do Património de Fornos de Algodres.
- VENTURA, J. M. Q. (1998) – A Necrópole Megalítica do Ameal, no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego, Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Policopiado.
- VENTURA, J. M. Q.; SENNA-MARTINEZ, J. C. (2004) – Do Conflito à Guerra: Aspectos do desenvolvimento e institucionalização da violência na Pré-História Recente Peninsular. Torres Veteras. Torres Vedras. 5, p. 9-19.
- ZILHÃO, J. (1994) – A oficina de talhe neo-calcolítica de Casa de Baixo (Caixarias, Vila Nova de Ourém). Trabalhos de Arqueologia da EAM. Lisboa: Edições Colibri, 2, p. 35-46).
- ZILHÃO, J. (1997) – O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa. Lisboa. Colibri.